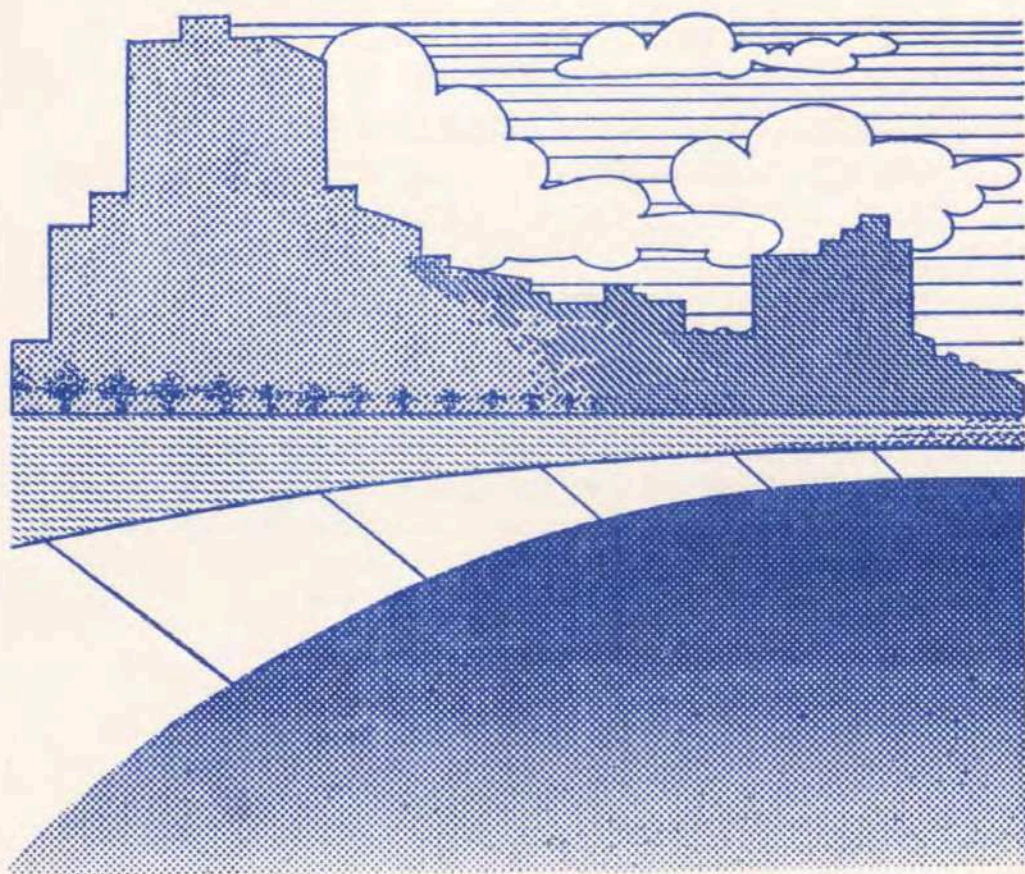


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI |

Julho de 1985

| Nº 7

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Julho de 1985

Nº. 7

SUMÁRIO

Página

Na história de Brusque, a presença de irlandeses, alguns franceses e poucos ingleses	186
O imigrante Friedrich Rabe	189
Autores Catarinenses "Ícones da Terra"	194
Carta da Maçã	195
A evolução do ensino público no Estado	197
MITTELLUNG (Comunicações)	198
"Neue Deutsche Schule" (Escola Nova Alemã)	199
Subsídios Históricos	201
Clube Filatélico Brusquense — 50 anos — 21/07/85	203
Aculturação Musical da População dos Bairros	205
Aconteceu... ..	206
Chão Histórico	207
Prefeito Dalto dos Reis confirma Conselho Curador	210
"Die Volkszeitung" O Jornal do Povo	211
BLUMENAU	211

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Na história de Brusque, a presença de irlandeses, alguns franceses e poucos ingleses

1. Os Irlandeses.

Pelo decreto de 16 de janeiro de 1866 foi criada a Colônia Príncipe D. Pedro. Seria instalada a 15 de fevereiro de 1867 à margem direita do rio Itajaí-Mirim, na confluência do ribeirão das Águas Claras com aquele rio.

Distanciava alguns quilômetros acima da sede da Colônia Itajahy. Seu diretor interino foi o dr. Barzillar Cottle. Permaneceu menos de um ano à frente da Colônia recém-instalada. Enfrentou dificuldades as mais diversas, desde a colocação dos elementos, os quais “nem bem chegados, a 24 de fevereiro, na sede da Colônia atacaram os colonos alemães e brasileiros a socos e bordoadas, constituindo justo motivo de irritação e descontentamento destes últimos” (1), até sua indisposição para o trabalho, logo demonstrada. Esses colonos eram, na sua maioria, IRLANDESES — vindos dos Estados Unidos e FRANCESES.

A Colônia dos Irlandeses, como logo ficou conhecida, não teria seus dias de trabalho desenvolvidos a ponto de a transformarem numa colônia “habitável”. Infelizmente o elemento destinado à colonização de seu território não correspondeu. Avessos às lides da lavoura, tanto irlandeses como franceses tornaram-se “pensionistas do Governo”, (2) passando à ociosidade.

A primeira leva desses irlandeses foi de 08 colonos. Na sua maioria eram solteiros, soldados ou ex-soldados, sem nenhum conhecimento agrícola ou mesmo interesse em empunhar uma enxada para trabalharem nas propriedades a quê de direito. Logo em março, um mês após sua chegada, já aprontavam, embriagando-se e provocando brigas. Discutiam por terras com os colonos da vizinha Itajahy, visto que a nova Colônia estava situada no terreno que começara a ser demarcado em 1861 em função do aumento da Colônia e no qual já estavam devidamente instaladas 14 famílias alemães. É de se supor que as brigas havidas entre os alemães — ordeiros e trabalhadores — e os irlandeses recém-chegados — sempre prontos para uma briga —, justificasse a pretensão, de Cottle, pela construção de uma cadeia no local, pois 18 já haviam sido recambiados para a Delegacia de Polícia de Itajaí.

O problema dos lotes territoriais coincidiria com o pedido de afastamento de Schnéeburg, da direção da Colônia Itajahy. Ambas passaram a ser administradas, mesmo interinamente, por Cottle, a

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

partir de 13 de abril de 1867 (a Schnéeburg, a 11 de abril do mesmo ano, era concedida licença para tratamento de saúde).

Barzillar Cottle, em 1867, relatava ao Governo Provincial sobre a "necessidade de ir buscar os elementos na sua própria pátria de origem e não os que estavam sendo encaminhados para as colônias e recebidos". Acontecia que os elementos aliciados na América do Norte "não intentam estabelecer-se como lavradores, mas sim consideravam os auxílios generosos do Govêrno como um meio de poder continuar a sua vida errante de que são acostumados"(3).

No início de 1868 os problemas na Colônia Príncipe D. Pedro aumentavam. Do Desterro para o local era enviado o padre irlandês JOSÉ LAZEMBY, para estabelecer um pouco de ordem entre seus patrícios exaltados. Mas não foi feliz em seu intento. A situação da colônia se agravava com a chegada de mais 147 imigrantes reimigrados dos Estados Unidos. Desses, 97 foram instalaçõs na referida colônia e outros 50, na de Itajahy. Todos pobres, sem dinheiro, sem roupa e se transformando em problema maior para Cottle que, já sem ânimo, não conseguia mais impor a ordem e o respeito entre eles. Surgiriam conseqüências do problema na colônia da outra margem do rio — agora não tão longe, devido à expansão desta.

O fracasso de Cottle valeria sua demissão e as colônias seriam administradas, primeiro interinamente e depois efetivamente, pelo BARÃO FREDERICO von KLITZING, de abril de 1868 a outubro de 1869.

Separadas as colônias, foi nomeado como diretor efetivo da Príncipe D. Pedro, MANOEL MOREIRA DA SILVA JÚNIOR, pela portaria do Ministério da Agricultura, datada de 24 de outubro de 1868; porém as administrações seguintes, inclusive esta, não foram mais felizes, embora tivessem demonstrado boa vontade.

A 6 de dezembro de 1869 a Colônia Príncipe D. Pedro era um projeto fracassado de colonização e a maioria de seus colonos abandonaram-na, fazendo com que o governo decretasse sua extinção, anexando o seu território ao de Brusque.

2. OS INGLESES.

A Colônia Itajahy-Príncipe D. Pedro recebeu em fevereiro de 1871, cinco colonos ingleses, chegados no vapor Leopoldina.

Pouca coisa se sabe a respeito deles, a não ser por esparsas referências como a encontrada no Jornal "O Despertador", de Desterro (4), edição do "sábbado 22 de janeiro de 1870, n.º 729", denunciando então, a presença de alguns ingleses antes mesmo de 1871: "Parte official do Governo da Província" — cópia da correspondência expedida ao diretor das Colônias Itajahy e Príncipe D. Pedro: "Para que esta presidência possa satisfazer a exigência contida em Aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, convém que VMce. preste sua informação acerca da reclamação inclusive do imigrante John Donokwe, que esteve estabelecido na Colônia Príncipe D. Pedro".

3. Os distritos são desmembrados

O ano de 1873 marcou a data em que as duas colônias tiveram seus territórios desmembrados da Freguesia do Santíssimo Sacramento, formando a Freguesia de SÃO LUIZ GONZAGA.

Eis a "Lei nº. 693, de 31 de julho de 1873 — Crea no Município de Itajahy uma nova freguezia com a denominação de São Luiz. Pedro Affonso Ferreira, Presidente da Província de Santa Catarina. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial Decretou e eu sancionei a Resolução seguinte: Art. 1º. Os Districtos da Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro ficarão desmembrados da Freguezia do Santíssimo Sacramento de Itajahy para formarem uma nova Freguezia com a denominação de São Luiz, a qual é creada precedendo licença do Ordinário, na forma da Constituição do Bispado. Art. 2º. Os limites da nova Freguezia serão os nomes dos actuaes districtos coloniaes. Art 3º. Ficam revogadas as disposições em contrário". (5)

A direção da Colônia, na pessoa de **Luiz Betim Paes Leme**, proporcionou aos colonos diversas melhoras, entre as quais a fundação da Associação Agrícola, estimulando às atividades relacionadas com o campo.

4. Os franceses.

Quanto aos franceses, encontramos no livro "Correspondência com Agentes de Paquetes a Vapor, 1875/1876", cópia do ofício encaminhado aquele agente, em data de 29 de outubro de 1875, pela Presidência da Província, o qual ordenava que "por conta do Ministério d'Agricultura mando VMce. dar passagem à proa, no vapor "São Lourenço", até Itajahy, ao colono Jean Jaffaux e sua mulher que regressão para a Colonia Brusque". (6)

Referências:

1. Oswaldo R. Cabral — Brusque — edição SAB, 1960 — (1,3)
2. Ayres Gevaerd — "Centenário da Imigração Italiana", in "O Município", 22/07/1975 (2).
3. Colleção das Leis da Província de Santa Catarina. Cidade do Deserto, 1874. (5).
4. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. (6)
5. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (4).

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

O imigrante *Friedrich Rabe*

O trabalho que passaremos a apresentar neste espaço, é o resultado do empenho que temos desenvolvido junto aos prezados leitores de "Blumenau em Cadernos", buscando colaboradores no sentido de cada vez mais enriquecer o acervo histórico em geral com a publicação de trabalhos de pesquisas, seja qual for o assunto histórico, envolvendo fatos ou genealogias que, de uma ou de outra forma, possibilitem, para os pesquisadores do futuro, matéria rica para suas pesquisas e trabalhos que estejam realizando neste campo de ação.

Como resultado do nosso empenho, cumprindo o que determina a própria existência desta revista, temos recebido uma ou outra colaboração que vamos publicando com muita satisfação.

Nesta mesma edição estamos publicando trabalhos de diversos colaboradores. E agora surge mais um, na figura do Dr. Afonso Rabe que está se revelando um ótimo pesquisador. Ele é também o presidente do nosso Conselho Curador. Atendendo ao nosso apelo, Dr. Afonso Rabe enviou-nos sua colaboração, a qual, por tudo que encerra, tem grande valor histórico, desenvolvendo uma significativa genealogia oriunda de seu avô paterno Friedrich Rabe. Aqui, pois, vai na íntegra o trabalho oferecido pelo nosso estimado colaborador e presidente do nosso Conselho Curador:

"Blumenau, em 16 de julho de 1985.

Ao Sr. José Gonçalves, DD., Diretor Executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Nesta.

Prezado amigo:

Atendendo prazerosamente a um pedido seu, passo a relatar-lhe alguns episódios da vida do imigrante Friedrich Rabe, meu avô paterno e de seus familiares imediatos.

Friedrich Rabe nasceu em 08.12.1854, numa pequena vila da província de Braunschweig, na Alemanha. Emigrou para o Brasil, em companhia de uma sua irmã, em fins da década de 1870. Faltam-me datas preciosas quanto à chegada deles aqui porque os registros dos imigrantes que se encontravam numa ala da antiga Prefeitura Municipal de Blumenau, lamentavelmente se perderam no grande incêndio daquele prédio, em fins de 1958.

Pelo registro de nascimento de meu pai, na igreja Evangélica de Blumenau (Centro), sei que o avô Friedrich era padeiro e confeitiro de profissão e que ele possuía o certificado de mestre-padeiro (Bäckermeister), obtido lá na Alemanha.

Inicialmente, ele e a irmã se estabeleceram na rua 15 de Novembro atual, mais ou menos onde hoje está o prédio em que funciona a "Loja Alfred".

Em 1882, já com 28 anos de idade incompletos, o vovô Rabe casou-se com Emma Seide, de apenas 17 anos, que já nascera aqui em Blumenau em 28.06.1865. Ela era filha do imigrante Heinrich Seide, nascido na Alemanha em 29.08.1827 e falecido aqui em 26.01.1906,

com mais de 78 anos. Moravam no bairro Garcia, nas imediações da atual Indústria Têxtil ARTEX.

Meus avós paternos tiveram seis filhos, a saber: Arthur, meu pai, nascido em 26.09.1883 e falecido em 23.07.1968, com quase 85 anos; Leopoldo (1885 — 1959), 74 anos; Else (1887/1920) — 33 anos; Fritz (1888/1938) — quase 50 anos; Adele (1891/1930) — 39 anos; Rudolf (1894/1946) — quase 52 anos.

A irmã do vovô Rabe também casou aqui em Blumenau, com um Sr. Eggers e tiveram sete filhos, todos nascidos nesta cidade. Depois, que, por duas vezes consecutivas, perderam todos os seus haveres, em duas grandes enchentes de nosso rio Itajaí-Açu, esta família se mudou definitivamente para São Paulo, no ano de 1903. De lá eu só tenho notícia de uma das filhas, chamada Magdalena, a caçula dos sete irmãos, que se correspondia de vez em quando, com meu pai. Magdalena Eggers se casou, em São Paulo, com o Sr. Ludwig Rose, natural de Riga, Capital da Estônia.

A última notícia que eu tenho desta senhora, data de 1977, ainda viva, com 86 anos de idade, através do Sr. Victor G. Rose, residente em S. Paulo, um dos dois filhos do casal.

Friedrich Rabe, aos poucos, foi transformando sua padaria e confeitaria e uma casa comercial característica da época, nas quais se vendia artigos os mais variados e que denominavam pomposamente “Negócio de fazendas, ferragens, de secos e molhados”. Por fim ele encerrou suas atividades de padeiro e confeitoiro e continuou só com o “Negócio” que se desenvolveu muito bem. Com o aumento do número de filhos e o progresso da loja, a casa foi ficando pequena demais. Mudou-se então para uma outra casa, maior, também situada na rua 15, mas desta vez do lado rio, defronte do atual prédio do INAMPS. Nos porões da nova casa ele montou algumas máquinas para a fabricação de latas (feitas à mão) para enlatar manteiga e banha que ele comprava em grande quantidade dos colonos ou recebia em troca de artigos do “Negócio”, e exportava a mercadoria para o Rio de Janeiro e São Paulo, tudo por via fluvial e marítima, única possibilidade na época.

Nessa fabricazinha trabalhou também durante alguns anos o pai do vovô Friedrich que este mandou buscar da Alemanha, quando já estava bem de vida, com o intuito de mantê-lo aqui até o fim de seus dias. Meu pai nos contou que esse avô dele era muito conversador e alegre. As crianças gostavam muito dele; vivia cantando e assoviando o dia todo, durante seu trabalho de enlatar, rotular, encaixotar e despachar as latas de manteiga e banha.

Este avô de meu pai morava na “Vorstadt” (na atual rua Itajaí) com sua mulher Dorothea. Esta, de natureza um tanto ranzinza e implicante, também para com os netos, por isto não era muito querida por estes. Ao contrário, dizia papai, a criançada gostava muito de visitar os avós maternos, de nome Seide, residentes lá na Garcia, apesar da distância, pois, é preciso lembrar que naquela época só se podia ir até lá a pé ou de carroça. Lá, dizia, as crianças tinham ampla liberdade de se movimentar e brincar, nunca faltando variados doces

e a preferida "gasosa vermelha", um refrigerante de groselha fabricado aqui, na vila.

A bisavó Dorothea faleceu aqui em Blumenau em 1899 aos 72 anos. O bisavô Rabe, parece, que não lamentou muito o passamento da esposa, nem quis acabar seus dias em Blumenau, sobretudo, após a morte prematura do filho, ocorrida uns 6 meses antes. Apesar de sua idade, não tardou em cortejar e cativar uma companheira, bem mais jovem, e se mandou com ela de volta para a Alemanha, donde não deu mais notícias.

O vovô Friedrich Rabe era um trabalhador incansável. Atendia pessoalmente toda sua freguesia desde as primeiras horas da manhã até a noite adentro. Naquela época ainda não havia horários fixos para o comércio. O dono que, em geral, residia em cima ou ao lado da loja, frequentemente era acordado por algum freguês madrugador para servi-lo e tinha que ser atendido sob pena de perder o freguês. Da mesma forma, à noite, o "Negócio" só era fechado depois que o último resolvesse ir para casa, voluntariamente. Isto feito, o vovô Rabe costumava fazer a correspondência comercial e particular, a contabilidade, etc., tudo à mão e, ao lampião de querosene.

O resultado de todo esse ininterrupto, exaustivo e múltiplo trabalho foi que, aos 43 anos de idade, em 15.08.1898 ele adoeceu de um mal súbito, não identificado pelo médico de então, que o obrigou a guardar o leito, do qual não mais se levantou, falecendo uma semana depois. No Cartório do Registro Civil que eu pesquisei, consta simplesmente no atestado de óbito médico: "faleceu de morte natural". Eu presumo que se tratara de um enfarte.

Uma faceta interessante do vovô Rabe foi a política. Aconteceu que após a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, foram destituídos de seus cargos todos os Governadores imperiais das Províncias, que então foram denominados Estados, bem como todos os Prefeitos municipais e vereadores. A Câmara Municipal foi redenominada "Intendência", os vereadores "intendentes" e o Prefeito "Superintendente".

Até a próxima eleição que somente se realizou em dezembro de 1891, os intendentes de todos os Municípios foram nomeados em caráter interino pelo novo governante do Estado. Para Blumenau foram nomeados cinco e, um destes primeiros intendentes republicanos blumenauenses, foi o vovô Friedrich Rabe, oficialmente naturalizado como Frederico Rabe. O vovô Rabe com os demais quatro colegas intendentes foram empossados na "Intendência Municipal", em 18 de janeiro de 1890 e sob a presidência do intendente Dr. Bonifácio Cunha dirigiram os destinos de Blumenau até janeiro de 1892, quando entregaram seus cargos aos novos intendentes eleitos e agora denominados "Conselheiros municipais" segundo a nova Constituição Estadual, promulgada no decorrer de 1891.

Quando o vovô Rabe faleceu, meu pai, o mais velho dos seis irmãos, tinha apenas 15 anos incompletos e o tio Rudolfo, caçula, 3 anos e 8 meses!

A vovó Emma, viúva aos 33 anos, com seis filhos menores para

criar e a casa comercial para atender, sozinha, evidentemente não podia dar conta do recado. Assim, não tardou muito para casar outra vez. O padraсто dos seis menores Rabe chamava-se Wilhelm Nienstedt e dele a vovó Emma teve mais dois filhos, Clara e Ernesto, ambos também já falecidos, respectivamente, no Rio e ele em Blumenau. A vovó só veio a falecer em 02.08.1928, sobrevivendo ainda 20 anos seu segundo marido, Nienstedt.

O vovó Rabe deixou à viúva e aos filhos uma apreciável herança, que o Sr. Nienstedt não demorou em usufruir à sua maneira. Desde logo comprou um grande lote no outro lado da rua, onde hoje está o Teatro Carlos Gomes e, mandou construir um suntuoso casarão residencial. Segundo: como para as firmas mais conceituadas da cidade o "status" da época era ter, pelo menos, uma filial no interior, Nienstedt também abriu uma em Massaranduba, para onde mandou meu pai, então com cerca de 18 anos de idade, como gerente.

O Sr. Nienstedt parece que não teve a têmpera e a competência do vovó Rabe para administrar a firma, nem a habilidade necessária para lidar com os colonos, principalmente, (ele foi sargento — "Feldwebel" do Exército Prussiano) e os negócios começaram a decair progressivamente e, quando ele também faleceu, aos 45 anos de idade, em 25.02.1908, deixou tudo fortemente endividado.

Meu pai, então com 24 1/2 anos, já casado, continuou na filial de Massaranduba, onde eu nascera 2 anos antes, e meu tio Leopoldo, então com perto de 23 anos, assumiu a direção da matriz aqui na cidade. O irmão caçula dos seis Rabe tinha apenas 14 anos quando o padraсто faleceu e seus estudos num Colégio em Florianópolis tiveram de ser interrompidos por falta de recursos.

O principal credor da firma era a Associação Comercial de Blumenau de então. Alguns membros influentes desta, depois da morte do Sr. Nienstedt, com insistência chegaram a propor que a Associação se apossasse, pelas vias legais, dos bens hipotecados da firma insolvente, fato que não se verificou pela oposição espontânea do forte comerciante Richard Paul, que houve por bem que antes se desse uma oportunidade aos jovens irmãos Arthur e Leopoldo, sem culpa pessoal da situação, dando-lhes um novo prazo para sanar os débitos existentes, pelo que ofereceu e deu o seu próprio aval. Com árduo e persistente trabalho os dois irmãos conseguiram vencer todas as vicissitudes e levantaram novamente a firma, então denominada "Rabe Irmãos".

Em 1915 eles resolveram acabar com a filial em Massaranduba e em 1916 meus pais se mudaram aqui para a cidade, onde adquiriram uma residência na rua 15 que, alguns anos depois da morte de meu

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

pai, em 1968, foi vendida pelos herdeiros ao Banco do Brasil que aí edificou sua atual agência.

Aproximadamente em 1935 os irmãos Arthur e Leopoldo resolveram separar-se dissolvendo antigamente a sociedade. Dividiram a casa, ficando o primeiro com a parte de ferragens em geral e o segundo com a de fazendas e armarinhos. Pelo jeito ambos não se adaptaram muito bem a essa independência profissional, depois de tantos anos de lutas em comum. Lá pelo ano de 1940 meu pai resolveu encerrar suas atividades; liquidou a casa comercial e alugou a loja. Pouco tempo depois o tio Leopoldo fez o mesmo. Em princípios de 1970 os dois prédios foram vendidos pelos herdeiros, todos com outras atividades profissionais e assim terminou o estabelecimento comercial fundado por Friedrich Rabe, cerca de um século antes.

A título de curiosidade quero ainda lembrar que meu pai Arthur, tal qual o meu avô Friedrich Rabe também teve uma pequena participação política em Blumenau: foi vereador em um período e, em 1930 foi eleito Prefeito Municipal. Deveria assumir o cargo em 15.11.1930 mas, isto não se verificou devido a revolução vitoriosa de outubro daquele mesmo ano e que deu novos rumos político-administrativos à Nação, em todos os níveis.

Os quatro irmãos Rabe restantes seguiram caminhos próprios. Fritz e Rudolfo depois da morte do padraсто viveram anos no Rio de Janeiro onde trabalharam no comércio, em ramos diversos. Fritz acabou voltando para Blumenau onde se estabeleceu como representante comercial até o fim de seus dias. Rudolfo, depois de trabalhar, por muitos anos, como viajante comercial, por quase todo o Brasil, acabou se fixando em Florianópolis, também como representante comercial. As duas irmãs casaram aqui, permanecendo Else em Blumenau, onde veio a falecer com apenas 33 anos de idade, após o que o marido com os filhos se mudou para Curitiba. Adele mudou com o marido para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer em fins de 1930.

Os dois meio-irmãos Nienstedt também viveram muitos anos no Rio de Janeiro. Ela Clara ficou e faleceu lá e ele, Ernesto, acabou voltando definitivamente para Blumenau, também se dedicando ao comércio e aqui veio a falecer há vários anos.

Eis aí alguns dados sobre o imigrante Friedrich Rabe e de seus descendentes imediatos. As gerações seguintes que tiverem interesse em continuar suas próprias ramificações, aí encontrarão elementos dos primórdios da linhagem no Brasil.

Esperando ter correspondido satisfatoriamente a sua expectativa, assino-me

Cordialmente
Alonso Rabe

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

"ÍCONES DA TERRA"

Embora seja mais conhecido como artista plástico, tendo seu trabalho nesse campo merecido manifestação consagradora da crítica e participação ativa em exposições e movimentos, Hugo Mund Júnior também cultiva as letras poéticas de longa data, em carreiras praticamente paralelas. "Ícones da Terra", recentemente publicado por Thesaurus Editora (Brasília — 1985), é seu quarto livro no gênero, desde que lançou "Gráficos", seu volume de estréia, em 1968. Entre eles surgiram "Palavras que não são palavras" (1969) e "Germens" (1977).

Não se trata pois, de um neófito, mas de um poeta experimentado e consciente de sua realização. Os títulos de suas obras, ou, pelo menos, de três delas, indicam a influência do artista plástico no homem que poetiza, revelando a existência de uma integração dentro dele, o que só faz fortalecer e vivificar a sua poesia. É uma poesia sintética onde cada palavra é buscada com afinco e disposta na página com simetria. A cor também tem uma presença forte, disseminada por todo o livro.

Nascido na cidade de Mafra, hoje radicado em Brasília, Hugo Mund Júnior tem desenvolvido intensa atividade artística e cultural. Sua Poesia tem merecido análises positivas de críticos como Walmir Ayala, Assis Brasil, Anderson Braga Horta, Silveira de Souza e outros. Participou do chamado "Grupo Sul", em Florianópolis, como editor do jornal "Oásis" e das "Edições do Livro de Arte." Muitos de seus trabalhos estão incluídos em coletâneas e antologias organizadas no Estado e fora dele.

"Ícones da Terra" tem apresentação de Anderson Braga Horta e orelhas de Omar Brasil, ambos trabalhos de nível e que valem como roteiro para a compreensão da poética de Mund Júnior.

Lançamento

Numa promoção da Global Editora (São Paulo) e da Livraria Alemã, realizou-se o lançamento nesta cidade do livro "O beijo não vem da boca", romance do escritor Ignácio de Loyola Brandão. O evento mereceu boa cobertura da imprensa e foi prestigiado por escritores, jornalistas, autoridades e pessoas interessadas. O escritor, pela sua simplicidade, disposição para a boa conversa e principalmente pelas suas posições diante do mundo de hoje, grangeou muitos amigos e novos leitores. Foi a primeira vez que a Livraria Alemã promoveu um lançamento em suas instalações remodeladas e esperamos que isso se torne um hábito daqui para a frente. E ao Jürgen, seu gerente, enviamos os nossos parabéns.

Carta da Maçã

Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM.

Meu patricio catarinense:

Parece que ainda temos poesia em Santa Catarina. Também se aqui não tivéssemos, onde mais iríamos buscar?

Pode ser que sim pode ser que não você já tenha visitado São Joaquim, em dia de maçã, em dia de mel, em dia de neve, em dia de missa crioula ou do CGT do Minuano Catarinense. Mas agora você teria ido, por exemplo, por estradinha de asfalto assobiando de nova, que tem o estranho capricho de fugir às normas da engenharia em voga. É que ela vai serpeando, tortinha, pela coxilha afóra, sobe e desce a geografia do campo, sem corte, sem aterro, sem luxo, devagarinho, como quem retarda de propósito, antegozando a chegada a um lugar gostoso.

Oitenta quilômetros de Lages, dengosa e não-chega-hoje-chega-amanhã, por incrível que pareça, ela divide, reta em "antes" e "depois", a história de São Joaquim. E eu lhe pergunto, patricio: foram mesmo necessários 257 anos de espera? Dois séculos e meio depois que o Sargento-Mór da Cavalaria, Francisco de Souza e Faria, recebeu ordem de abrir a "Estrada dos Conventos", do litoral do Morro dos Conventos planalto acima, num cometimento desbravador fundamental, para garantir aos brasileiros a posse da terra, nem que fosse por um risco apenas tênue de presença do dono — picada aberta a facção, através a natureza bravia de serras assustadoras e matas densas, hoje, a Estrada da Maçã guardadas as proporções, vem completar a integração desses despenhadeiros de vertigem e desses campos vastíssimos à rede das rodovias catarinenses atuais, ligando uma fiera de cidades e vilas. Assim como a picada "dos Conventos", volvidas tantas gerações, e ainda guardada a proporção do espaço, a Estrada da Maçã é de importância igual para os catarinenses de hoje, ufamos não apenas de possuímos tão privilegiado recorte geográfico de belezas naturais, mas ainda, e isto é total novidade, as mais acertadas terras para o cultivo da fruta considerada a mais nobre do mundo, as quais os cultivadores souberam descobrir a tempo de levantarem, já agora, seu pequeno Estado à altura do maior produtor de maçãs do País. E que maçãs. Digo, patricio, o que me foi contado, no parque das exposições, por um funcionário da Coopercotia, que ao lado da Kitagaki, da Hiragami, da Cocar, da Cooperserra, e de outras, ali têm, suas "packinghouses", câmaras frigoríficas e galpões de embalagem, de dimensões intrigantes para as coxilhas mal despertadas do seu sossego secular. Ele disse: vem o produtor alemão, e diz que não conhece igual; vem o do Governo Japonês, e quer comprar toda a produção de São Joaquim; em o suíço boquiaberto; o austríaco perdido de gosto; o argentino, que não podia faltar, invejoso, receando ameaça à sua própria produção: já tem

sua "packing-house", já leva toneladas para o seu país, e de lá exporta como "producto argentino". Estávamos falando de poesia e desembocamos em "marketing", e isto é muito lamentável mesmo. Pois você, patricio, para ver e saborear a mais grávida e bela maçã, a que SUA terra produz, precisa ir até São Joaquim: na SUA cidade ela não aparece, e todo o mundo, vendo essas caixas de maçãs feias e murchas, se pergunta: então é esta a famosa maçã de São Joaquim? Você sabe que sempre tem alguém roubando os catarinenses. E como tem. Para ter nos olhos e na boca a SUA maçã, a verdadeira maçã de São Joaquim, você precisa ir até lá, ou, quem sabe, sair do Estado. São Paulo, por exemplo. Tamanho, cor, gosto, qualidade e beleza, brilho e fragrância, em São Joaquim você viu nuns 20 boxes, onde alguns dos numerosos produtores (disse o funcionário que na região são mais de 500) compraram espaço para expor suas maçãs, em arranjos de grande criatividade e na maior variedade — centenas, milhares de maçãs, num mercado de oferta que, à exceção duma exposição de flores, é a mais bela exposição que você possa imaginar. Vermelhas, verdes, rosadas, amarelas, enormes umas, menores outras, todas de apurado trato e estudada cor. Produto de anos e anos de pesquisa, técnica de seleção, aprimoramento da qualidade e da aparência, mas sobretudo de muito trabalho, de sol a sol, e, em São Joaquim, de neve a neve.

De repente, a pequena cidade serrana está com fama crescida para além das fronteiras do Estado e do Brasil. No lugar mais frio do País, ruas e campos de neve grossa, já sabíamos. Turismo. E agora também, Capital da Maçã: da estrada você não pode ver, mas são muitos quilômetros quadrados, ondulantes ao vento; a perder de vista você descobre o imenso, inquieto tapete verde-escuro, que em fevereiro e março, em toda a sua mais largada extensão, a Fada do Trabalho transformou no tapete colorido mais lindo do mundo — milhões e milhões de galhos de macieira peçados de frutos, as pequenas árvores todas abertas em leque, inclinando suas varas pesadíssimas para facilitar ao homem a colheita mais agradável de todas as que possam existir. O que plantou e cuidou, pequeno produtor, suas duzentas mudinhas, e, grande produtor, seus cinco milhões de pés, um e outro merecem fazer a mais colorida e perfumada safra desta terra — centenas de milhares de cestas de maçã. Cumpriu-se a velha promessa dos idosos de São Joaquim, que seia como profecia: "São Joaquim pode dar mais do que simples tropas de mulas podem levar. São Joaquim exige mais do que as tropas de mulas podem trazer." Realmente, muito mais. O sonho de um só será sempre um sonho. Mas o sonho de muitos cedo ou tarde se torna realidade. Entretanto, em São Joaquim, nem muitos nem ninguém sonhava com um presente desses, muito menos depois que, a partir de 1740, a "Estrada dos Conventos" foi trocada por coisa melhor, porque a demanda do sul começou a correr direto de Lages

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais atamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

para o Pelotas, o que fez São Joaquim passar para a última cidade a ser fundada no Planalto Catarinense.

Por isso, Capital da Maçã e já quase Capital do Mel, era um sonho que nem sequer existiu. Por onde se vê que ná realidades nem sequer sonhadas. São Joaquim, quem diria "Todos os caminhos levam a São Joaquim". Agora sim. O vistoso folheto, com mais de 30 fotos, cheiro de maçã, cascatas e neve, do feitio dessas maravilhas de promoção que você encontra nas agências de turismo alemãs, americanas e suecas, acreditei que na Alemanha tivessem mandado fazer, tamanha a perfeição gráfica. Olhei melhor: fotolitos e impressão Concórdia. Patrício, vamos tirar o chapéu. Santa Catarina, parabéns. São Joaquim, parabéns. Patrio, parabéns. Foi Tolstoi que escreveu: "Se você quiser ser universal, cante seu rincão." Por exemplo, as maçãs de São Joaquim. Da nossa São Joaquim.

A evolução do ensino público no Estado

COMUNICAÇÃO DA SOCIEDADE DE ESCOLARIZAÇÃO PARA
SANTA CATARINA

OUT/1911 (Publicado após a grande enchente).

DIRIGIDO AO POVO DE BLUMENAU E REGIÕES VIZINHAS

**"Em perigos e infortúnios, um povo mostra sua verdadeira
autenticidade."**

A enchente enlutou imensamente nossa região e chegou a modificar o modo de viver de seus moradores.

Todos, agora, procuram evitar maiores gastos, é compreensível, levando em consideração as consequências da catástrofe e é também uma medida acertada! No entanto, cada um deve refletir **para que ele economize seu dinheiro.**

De um modo geral, os habitantes desta cidade e regiões vizinhas, sabem melhor disto, do que um estrangeiro, pois começaram do nada há longos anos atrás. Mas em um ponto muitos erram assustadoramente, sonhando a seus filhos e mais, a si próprios, o **alimento espiritual.**

As crianças são retiradas das escolas, para economizar a mensalidade escolar. Esta é uma economia falsa. O tempo não pára e, as crianças também não param de crescer. Em breve são adultos e não sabem ler nem escrever. Mais tarde, lançarão no rosto dos pais, a censura, que estes não os enviaram para a escola e, então terão toda razão para fazê-lo. Portanto como é difícil para os pais, despendem o dinheiro para a mensalidade escolar agora, também sabemos o quanto precisam dos filhos para ajudar no trabalho de recuperação, mas sempre deverão repetir para si: **NO PAGAMENTO ESCOLAR NÃO ECONOMIZAREMOS.**

Certamente as crianças sentirão as dificuldades atuais, mas também poderá ser uma bênção para elas. Se continuam a frequentar, neste momento difícil, a escola, receberão como sempre seu material escolar.

A ESCOLA É O MAIS IMPORTANTE PARA A CRIANÇA.

Justamente agora, neste difícil momento, tudo requer o esforço físico, deveríamos com dobrado sacrifício, considerar as necessidades espirituais. Que isto é possível, já demonstraram nossos pais. Há 100 anos passados, quando Napoleão espalhou sobre a Alemanha, dor e humilhação e uma época de chuvas torrenciais destruiu as colheitas. O povo alemão não pensou em fechar as escolas, mas sim construir novas. Se nós não conseguimos seguir este exemplo, então a força de viver se apagou em nós e não podemos mais como o homem do qual o poeta Schiller diz: "Ainda na sepultura ele planta a esperança".

O que queremos despertar em nossos filhos, deveremos ter sempre diante dos olhos. O que o livro de estória representa para a criança, representa o jornal para o adulto. Se o pai ou a mãe, deixam de ler o jornal, como despertarão na criança a vontade de ler? Portanto, não é certo economizar justamente agora, na compra de um jornal. Nesta época difícil, a criança deve ver que os pais economizam em todos os cantos, menos no que se refere a escola, que é o alimento diário do espírito. Somente assim, nos elevamos acima do animal, porque nos foi dado a inteligência.

MITTELLUNG (Comunicações)

nº. 3 — 10º. ano — MAR/1915

RELATÓRIO DO ANO DE 1914, LIDO NA REUNIÃO DOS ASSOCIADOS DA COMUNIDADE VELHA NOVA EM 10/01/1915.

"O ano letivo de 1914, começou com 45 crianças (26 rapazes e 19 meninas). 11 crianças deixaram a escola no Natal de 1913, 10 para a comunhão e 1 rapaz ingressou na escola paroquial católica de Blumenau, 3 meninas passaram a estudar no "Luiz Delfino". No lugar destas crianças, ingressaram 6 no início de 1914 e em março mais 2, filhas de um novo associado.

A frequência, na primeira metade do ano foi boa, mas no último começamos a registrar grande número de faltas. As crianças precisavam ajudar na lavoura, no plantio e arar a terra, aliado a outros trabalhos domésticos. As faltas subiram para 50, 60 e até 80 dias. Quero nesta oportunidade pedir aos senhores pais, encarecidamente, não permitir que seus filhos falem tanto. Os pais que assistiram ao exame final, devem ter notado que, os que tiveram tantas faltas, não puderam acompanhar as demais. Motivo de faltas por doenças epidêmicas não aconteceram, a não ser, duas por coqueluche e, as crianças ficaram afastadas da escola por várias semanas.

Os exames se realizaram alguns dias antes do que de costume.

Queríamos com isto dar aos pais oportunidade de assistir os exames das crianças, sem prejudicar o trabalho de véspera de natal. Como amigo da comunidade associada, compareceu o Prof. Nunnelthey, o que muito nos honrou.

No dia 15 de novembro, teve lugar em nossa escola uma confrência da "União dos Professores". Ao mesmo tempo o Prof. Büchler da "Neue Schule" de Blumenau fez um teste de português com os alunos das três primeiras séries de nossa escola.

Ao eclodir a guerra mundial na Europa, passou por nossa escola uma lista de arrecadação para o auxílio da cruz vermelha. Entre pais e alunos, foi arrecadado a soma de 35\$000 réis. Se analisarmos bem, os enormes sacrifícios que o reino alemão faz, ao enfrentar seus inúmeros inimigos. Também nós alemães no estrangeiro, não devemos ficar inertes e ajudar com que pudermos. Sabemos todos: A vitória alemã trará também benefícios para nós, mas uma derrota seria desastrosa e nosso sofrimento muito grande.

Velha Nova, janeiro de 1915.

Marie Degau — Professora."

"NEUE DEUTSCHE SCHULE" (Escola Nova Alemã)

(Conjunto Educacional Pedro II)

Edith Kormann

O diretor e professor Hans Sättler dirigiu a Escola Nova até 1933, e sob sua direção, continuaram as exposições de trabalhos dos alunos. Sättler primou em elevar o nível da escola sob sua direção promovendo a arte, e assim, no dia 1º de novembro de 1931, promoveu nas dependências da Escola Nova, o tema "No país das fadas" que englobava:

- 1 — "Huldigung no reino das fadas", um espetáculo dos pequenos;
- 2 — "As bodas da primavera com a terra e a despedida do verão";
- 3 — dança (roda) com canto coral; "O caçador de ratos";
- 4 — "Kasperle Spiele" (bonecos);
- 5 — "Branca de Neve" (cenas de fadas de Theodor Storm);
- 6 — "Um conto de fadas em idioma português;
- 7 — Joãozinho e Mariazinha"; "O guardião dos porcos" (teatro de sombras e "A viagem ao inferno de Schneider" (teatro de sombras com coral);
- 8 — "Princesa Raio de Sol" — teatro (conto de fadas com música e dança). E ainda: "No país da utopia"; "Na casa dos laçrões dos músicos da cidade de Bremen"; "No palácio da rosinha silvestre"; "No reino da rainha da neve"; "Na casinha de doce de menta da feiticeira".

A Escola Nova recorria sempre que necessário, à promoções

artísticas-culturais para beneficiar a Caixa Escolar, Escola Feminina e outros. Em 1932, os alunos se apresentaram no Teatro "Frohsinn", no dia 30 de junho, em benefício da Escola Feminina com a peça teatral de autoria de E. Rjändenborgh "Noite Luar". As "Noites de entretenimento", além de agradáveis, também eram realizadas para angariar fundos, e no Teatro "Frohsinn", no dia 10 de dezembro, foi apresentado o drama "Sonho da Floresta", com o coral da escola. Nessas promoções também eram rifados trabalhos manuais e prendas doadas pela comunidade.

Em 1933, era diretor da Escola Nova, o Doutor Ludwig Sroka, que promovia exposições de desenhos, trabalhos manuais e projeção de "slides" e filmes, porém desinteressou-se pelas manifestações artísticas dos alunos que tantos louvores carearam para a escola. No dia 18 de março de 1933, com convite extensivo aos pais, os alunos assistiram no Teatro "Frohsinn", "slides" sobre a "Noruega terra e povo". Com Sroka foram projetados filmes para os alunos sobre os mais diversos assuntos, entre eles: 1 — Com o Graf Zeppelin no Ártico"; "O Bremen, rainha dos mares" e o filme humorístico "Artes de Tertiane" (31.7.1933); 1 — "O homem" (anatomia do corpo humano); 2 — O que muitos não sabem — experiência sobre física e química; 3 — "Da vida do solitário câncer"; 4 — "Mungo, o matador de cobras" (luta entre Mungo e a cobra); 5 — "Pinguins, cães e leões marinhos"; 6 — "Culto religioso e criação de corpos em Bali"; 7 — "Com Graf Zeppelin no Aretis" (23.5.1934); No dia 30.10.1934, os alunos assistiram no Teatro "Frohsinn" os filmes culturais: 1 — "O dia do reino" — Nürenberg, 1933; 2 — "A classe (leve) atlética Européia"; 3 — "O Reno Alemão"; 4 — "A África que ri". No dia 14 de maio de 1935, os alunos assistiram: 1 — "Os sete cidadãos de Sachsen"; 2 — "No reino do carvão"; 3 — "O mar do Oeste"; 4 — "Hindenburg nas manobras de outono de 1930"; 5 — "Viagens e migrações da Juventude"; 6 — "Priembacke e o peixe espada", e muitos outros filmes e "slides" foram apresentados aos alunos da Escola Nova.

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as escolas alemãs foram fechadas, principalmente a Escola Nova, cujo diretor Sroka, desde 1934, era chefe da Organização Nacional Socialista dos Professores das Escolas Alemãs de Santa Catarina.

Transformada em Escola Pública (Escola Pedro II), no dia 30 de agosto de 1942, participou da Hora Cívica na PRC-4, por iniciativa dos professores dos Grupos Escolares "Santos Dumont", "Luiz Delfino" e "Pedro II, às 18 horas, com canções patrióticas, usando da palavra os professores Antônio Cordeiro e Atalá Branco (enaltecendo Getúlio Vargas contra o nazismo).

O Grupo Escolar "Pedro II", encerrou o ano de 1944 com uma programação em duas partes. Na Primeira parte foram entregues os certificados aos alunos do 4º. ano e os diplomas aos alunos do Curso Complementar. Discurso do paraninfo Tenente Coronel José de Mello Alvarenga e palestra do diretor. Na segunda parte foi apresentada a Rapsódia Brasileira em 6 quadros, focalizando cenas tradicionais

nais do Brasil com músicas de Antônio Almeida, Ari Barroso, Dorival Caymi, Custódio Mesquita, Spártaco Rossi e Guilherme de Almeida. O espetáculo foi muito elogiado.

Por decreto de 4 de março de 1947, foi nomeado para lecionar Música e Canto Orfeônico na Escola Normal "Pedro II" da cidade de Blumenau, o Maestro Heinz Geyer, que assumiu o cargo no dia 11 de março de 1947. O Coro Orfeônico, entre outras apresentações, pelo centenário de nascimento de Rui Barbosa, no dia 5 de novembro de 1949, sob a regência de Geyer apresentou, "Meu Brasil" e "Apoteose". Geyer fez os arranjos das peças musicais, "Cantar para viver", "Casinha Pequenininha", "Azulão", "Luar do Sertão", "Para ninar", "Pescador da barca bela", "Nhapopé", "São João" e "A pombinha voou".

Durante os festejos do Centenário de Blumenau (1950), integrantes do Coro Orfeônico da Escola Normal Pedro II, participaram da première da ópera "Anita Garibaldi" em três atos, musicada por Heinz Geyer com libreto do professor José Ferreira da Silva, apresentada no Teatro "Carlos Gomes" de Blumenau. Até 14 de dezembro de 1976, data de aposentadoria do Maestro Geyer, o Coro Orfeônico funcionou contando também com a colaboração da professora Iris Ramers.

Atualmente o "Pedro II" promove concursos literários (poesia, teatro, etc.), funciona a Academia Literária e a fanfarra.

OBSERVAÇÕES: No segundo capítulo do histórico artístico da Escola Nova, junho de 1985, página 159, foi impresso "Häckelberg dos fundos da banda e a teoria da relatividade" quando deveria ser "Häckelberg dos fundos da bananeira e a teoria a relatividade".

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF

A 28 de dezembro de 1853, o então diretor da Colônia Dona Francisca, Penno von Frankenberg — Ludwigsdorf, enviou o seu segundo relatório — redigido em francês — ao Presidente Coutinho, da Província de Santa Catarina. Eis, na íntegra, o relatório traduzido:

Senhor,

Tenho a honra de me reportar à minha última carta e à lista dos habitantes desta Colônia, enviadas a Vossa Excelência no mês de abril passado.

Tive a honra de receber a missiva que Vossa Excelência me endereçou a 25 de novembro, a qual respondo pela presente, dando as

informações pedidas e uma lista mais detalhada de todos os habitantes até 31 deste mês.

No fim do ano de 1852 a Colônia Dona Francisca contava 690 almas; durante o ano chegaram de Hamburgo e de outros locais 124 pessoas. O número de nascimentos em 1853 foi de 27 e de falecimentos 24. No hospital da Direção se encontra um doente.

Deixaram a Colônia no corrente ano 60 pessoas, indo para o Rio de Janeiro, Curitiba, Itajai, Rio Grande do Sul e Montevidéu, mas eram principalmente solteiros ou recém-imigrados. Neste número se incluem alguns colonos antigos que partiram para Curitiba, esperando encontrar mais facilidades. A Colônia conta, pois, no fim deste ano, 757 almas.

O centro da Colônia, Joinville, se compõe, além das construções da Sociedade Colonizadora, de 26 casas habitadas e 4 em construção e no restante da Colônia, o número de casas aumentou de 84 para 134, dos quais 10 fazem parte da colônia de Monsieur Aubé, sem contar as construções anexas.

A cultura consiste principalmente em: açúcar, arroz, milho, mandioca, ricino, tabaco, feijão e batatas, mas há também colonos que plantaram 4 a 5 mil pés de café. De um modo geral, a cultura continua progredindo.

A indústria é representada por uma olaria, uma cerâmica, duas fábricas de charutos, uma cervejaria, dois engenhos de arroz, um de mandioca, dois de milho e dois de açúcar, dos quais serão necessários outros mais para o futuro, e além disso existem duas prensas de óleo.

Três padarias vendem pão diariamente e dois açougues a carne verde necessária durante a semana. Há duas hospedarias, cinco vendas e negociantes para fornecimento dos outros artigos aos colonos.

Na cidade de Joinville moram um médico e um boticário e se encontram mecânicos, torneadores, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates, segeiros, talhadores de pedras, funileiros e tanoeiros.

O pastor protestante nos deixou há 6 meses, dirigindo-se para Petrópolis. Os colonos gostariam de receber em breve um padre católico e outro protestante, para os quais o Governo de S. M. Imperial teve a benevolência de conceder uma subvenção. Temos um professor, que ministra aulas em duas construções da direção. As aulas são bem frequentadas e ali também se ensina a língua deste País, mas para poder dar o ensino necessário à juventude esperamos auxílio do Governo de S. M. o Imperador, concedendo-nos a subvenção por nós requerida.

Aproveito o ensejo para tomar a liberdade de pedir a sua colaboração a fim de obtermos os meios de conservar e abrir os caminhos

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

da Colônia, pois uma boa comunicação é de muita importância e, ainda que a direção ou a Sociedade Colonizadora tenham feito bastante, resta sempre muito a desejar, sobretudo se a grande estrada para o interior do Império for brevemente aberta, o que dará um novo impulso à Colônia.

O único crime que temos a deplorar, aconteceu há 4 meses: foi o assassinato de M. Wienburg e de sua mulher, por 3 trabalhadores brasileiros, que estão sendo julgados em São Francisco.

Tanto a direção como os colonos desejam o breve estabelecimento da lei e do regimento interno necessários e a direção se empenhou em dar prosseguimento à comunicação que V. Excelência teve a bondade de dirigir a Monsieur Aubé, a respeito da naturalização. O número de colonos seria maior se a forma da Lei não pedisse dois anos de residência no Brasil e um número determinado de habitantes para poderem eleger as autoridades entre os próprios colonos, pois isto seria considerado um grande bem para a prosperidade da Colônia em geral.

Joinville, 28 de dezembro de 1853.

Peço a Vossa Excelência aceitar os protestos de minha alta consideração.

V. Frankenberg

Diretor da Colônia Dona Francisca

Traduzido do documento original, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Clube Filatélico Brusquense

50 anos

21/7/85

No dia 21 de julho de 1935, reuniam-se, em Brusque, quatro jovens amigos para fundarem um clube que congregasse ao redor de si, interessados em torno dos temas: filatelia e numismática. Eram os então moços Ayres Gevaerd, Oscar Gustavo Krieger, Érico Jorge Krieger e José Boiteux Piazza — estes dois últimos, já falecidos. Gevaerd e Krieger levaram o Projeto adiante, lutando contra problemas tantos que iam surgindo durante a existência do clube que acabaram por fundar: o **Clube Filatélico Brusquense**.

Promoveram Exposições, participaram de Encontros, realizaram diversas atividades, cujos interesses sempre estiveram voltados ao objetivo maior: reunir colecionadores e aficcionados do tema.

Durante cinquenta anos mantiveram o Clube Filatélico Brusquense muito mais com amor e desprendimento do que qualquer coisa. Lutaram para que o clube não acabasse e a realidade do cinquen-

tenário chegou, com a alegria de um dever cumprido, de uma tarefa implantada.

O Clube Filatélico Brusquense foi o caminho para que outros clubes fossem surgindo. Hoje, aos 50 anos, a certeza de um trabalho voltado aos colecionadores filatelistas e numismatas aí está para provar isto.

Por ocasião da passagem dos 50 anos, houve lançamento de Carimbo Comemorativo em envelope de 1º dia. Um almoço marcou o acontecimento que congregou, no Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque, sócios e amigos no 77º Encontro Filatélico e Numismático de Santa Catarina, na cidade de Brusque, ocasião em que o senhor Oscar Gustavo Krieger pronunciou o seguinte discurso:

“Meio século de filatelia decorre hoje para o amigo Ayras Gevaerd e para quem vos fala. Se formos virar a página para trás, vamos encontrar alegrias e tristezas no decorrer dos cinquenta anos. Alegrias, pelo convívio que sempre mantivemos com filatelistas, através dos célebres Encontros Filatélicos; tristezas, por vermos o Clube quase a “deslizar morro abaixo”, por falta de ânimo dos sócios. Tivemos estagnações, época em que estávamos com apenas dois ou três elementos a agüentar as duras paradas. Trouxemos o Clube até aqui para alegria de todos nós e, em especial, aos que nos visitam. Meio século... já representa muita coisa para a existência de um Clube Filatélico e podermos dizer: temos o mais velho Clube Filatélico de Santa Catarina.

Nós fazemos parte, com os demais Clubes do Estado, da Federação que ajudamos a fundar: a Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina. E o mais antigo do Estado hoje se apresenta engalanado, cercado de amigos e companheiros. Sentimos sim, a falta do fundador Êrico Jorge Krieger e José Boiteux Piazza — companheiros que por longos anos ajudaram a empurrar o barco para frente, deixando-nos uma saudade. Sentimos, também, a falta de Camilo Nicolau Mussi — sócio correspondente número um, e de Jurgen Otto Berner — sócio número dois, que muito conforto nos deram, nos tempos difíceis do Clube. Nossa imorredoura saudade aos companheiros que já se foram.

Estamos falando como Membro da Diretoria que rege o Clube e como Presidente da Federação de Filatelia e Numismática de Santa Catarina. Nesse cargo, temos recebido constantemente o apoio do Clube Filatélico Brusquense. Neste meio século de vida, o Clube une e reúne filatelistas de toda parte.

Aí estão Jorge Bianchini e Lélío Balod — Presidente e Secretário do mais antigo Clube Filatélico Catarinense, para levar o barco para frente.”

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ACULTURAÇÃO MUSICAL DA POPULAÇÃO DOS BAIRROS

Uma das medidas mais acertadas da Secretaria de Cultura,
Esporte e Turismo

O Folclore nos Clubes, que já estreou dia 25 de maio e prosseguiu dia 29 de junho, respectivamente nos Clubes de Caça e Tiro Velha Central e Testa Salto, foi, sem dúvida, uma das mais acertadas medidas adotadas no campo da cultura musical do município, levando aos mais distantes bairros e subúrbios as mais belas canções folclóricas do afinadíssimo coral Camerata Vocale.

O programa Folclore nos Clubes foi implantado este ano pelo Centro de Cultura da Secretaria de Turismo de Blumenau e objetiva levar à periferia do município a música do Coral Camerata Vocale apresentando o folclore e canções populares brasileiras, alemãs e italianas. Para o prefeito Dalto dos Reis "esta é mais uma opção de cultura e entretenimento à população dos bairros, como já vem acontecendo com o show Blumenália", lembrou.

O coral deverá, ainda este ano, visitar o CCT. Ribeirão Itoupava, CCT. Passo Manso, CCT. Fortaleza Tribess, CCT Garcia Jordão e as Sociedades Recreativas Água Verde e Serrinha, na Vila Itoupava.

A História de oito anos

Fundado em março de 1977 pelo maestro Telmo Locatelli o Coral Camerata Vocale já tem quatro LPs gravados. Na oportunidade o coral, formado na maioria por amadores, iniciou-se num trabalho de pesquisa do folclore alemão, italiano e brasileiro, principalmente.

Em janeiro de 1978 o Coral gravou um LP de músicas italianas para a Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul. Em junho do mesmo ano, acreditando no trabalho do maestro Locatelli, a Prefeitura de Blumenau resolveu destinar uma verba específica para o Camerata Vocale. No final daquele ano, após uma série de apresentações, gravou-se o 2º. LP do Coral, com canções folclóricas alemãs e da nossa região. Em 1979 foi o 3º. LP, trazendo canções folclóricas brasileiras. Em fins do ano seguinte, com o apoio da Prefeitura de Blumenau, o Camerata Vocale gravou o 4º. LP com músicas natalinas e do folclore de vários países. Em 1982 o Coral realizou uma excursão a São Paulo para quatro apresentações na capital paulista.

Em 1984, para o maestro Telmo Locatelli o feito mais importante na história do coral até hoje, o Camerata Vocale apresentou um concerto de final de ano com os solistas cantores da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. A obra foi "Liebeslieder" de Johannes Brahms, para piano a quatro mãos, solistas e coro misto. O espetáculo lotou o Teatro Carlos Gomes.

Hoje o Camerata Vocale é formado por 40 integrantes, na maioria mulheres. Com o apoio do Prefeito Dalto dos Reis para este ano estão previstas 14 apresentações, sendo em clubes de caça e tiro de Blumenau e cidades vizinhas, além de Florianópolis.

— DIA 2 — Wendelino e Paula Karsten, ambos com oitenta anos de idade, comemoraram, junto a seus familiares — (uma filha, três netos e cinco bisnetos), suas bodas de diamante (60 anos de casados).

=

— DIA 2 — A enxadrista blumenauense Regina Ribeiro, pertencente à Comissão Municipal de Esportes de Blumenau, sagrou-se tri-campeã brasileira da modalidade, ao participar, desde o dia 18 de maio, em Guararí, Espírito Santo, do Campeonato Brasileiro Individual Feminino de Xadrez.

=

— DIA 2 — Às 16 horas, a Prefeitura Municipal e o Citybank, agência de Blumenau, em solenidade realizada, entregaram à comunidade 4 novas salas de aula na Escola Básica Municipal “Fernando Ostermann, no bairro Boa Vista, além de um pátio coberto. A solenidade foi presidida pelo prefeito em exercício, Paulo Baier.

=

— DIA 7 Dentro da programação de solenidades relativas à Semana Nacional do Meio Ambiente, ocorreu a inauguração das estações de tratamento primário de efluentes líquidos de duas grandes indústrias blumenauenses: a Malharia Maju e a Artex S/A. As solenidades de inauguração contaram com a presença de autoridades e grande número de populares.

=

— DIA 10 — Paul Heinzl, o mais idoso hóspede da Casa São Simeão, localizada no bairro Escola Agrícola, festejou, muito emocionado, pelas manifestações de carinho que recebeu de seus amigos e integrantes daquela casa, os seus 95 anos bem vividos. Seu aniversário foi festejado com tortas e música e Paul disse na ocasião, repetidas vezes, que estava muito feliz. Ele trabalhou durante muitos anos na Eletro Aço, em cuja empresa aposentou-se.

=

— DIA 10 — Os Alcoólicos Anônimos, Grupo de Blumenau, comemoraram a passagem dos 50 anos de fundação do primeiro núcleo no mundo, acontecido no ano de 1935, em Nova York.

=

— DIA 11 — O prefeito em exercício Paulo Oscar Baier assinou Lei de nr. 3.164, denominando de Praça “Arnaldo Machado da Veiga” o lougradouro público situado à rua Benjamin Constant, ao lado da Escola Básica “Lúcio Esteves”, no bairro Escola Agrícola.

=

— DIA 11 — No saguão da FURE, realizou-se a solenidade e noite de arte, promovida pela Divisão de Promoções Culturais daquela entidade de ensino superior e que constou de: Noite de autógra-

fos do livro de Edith Kormann "O Maestro Heinz Geyer e o período áureo do Teatro Carlos Gomes"; de Carlos César Souza "Congressos -- como organizar"; de Jacyr Monteiro "Nacionalização do Ensino." Exposição de Cartazes sobre a Arquitetura Alemã e apresentação de canções de Heinz Geyer pela soprano Rita Schwabe, com acompanhamento ao piano pelo Maestro Frank Graf.

=

— DIA 13 — Com uma solenidade de gala, a Academia Mont-Alverne, do Colégio Santo Antônio, comemorou a passagem dos seus 26 anos de fundação.

=

.... — DIA 29 — Com a inauguração de novas dependências do prédio, nas quais a prefeitura investiu 200 milhões de cruzeiros e outras melhorias mais, foi realizada festiva solenidade na Escola Básica Municipal "Felipe Schmidt", localizada na "Estrada da Cachaca" (Schnapps-strasse), bairro de Itoupavazinha e cujo acontecimento mais importante foi o regosijo pela passagem do centenário de fundação, daquele educandário, ocorrido no ano de 1885.

Chão histórico

Elly Herckenhoff

Quando, a 9 de março de 1851, desembarcaram os nossos primeiros imigrantes, da Colônia D. Francisca — hoje cidade de Joinville — vieram eles subindo, entre surpresos e decepcionados, pelo caminho existente, logo chamado de "Hafenstrasse" (Rua do Porto) Pelos recém-chegados europeus e foi na "Hafenstrasse" — atual Rua Nove de Março — no local hoje ocupado pelo Jardim Lauro Mueller, que o então diretor hamburguês mandou construir uma casa, bastante rústica, para a "Koloniedirektion" (Direção da Colônia) — da recém-instalada colônia nas terras do Príncipe de Joinville.

Depois, outros caminhos foram abertos em várias direções, as picadas já existentes ampliadas, melhoradas e denominadas, sendo que um dos caminhos, transversal à Rua do Porto, recebeu o nome de rua da Olaria. Era a atual rua do Príncipe, que partia da esquina da atual rua Ministro Calógeras, local onde, logo no início, foi instalada uma olaria, por alguns imigrantes noruegueses. Mais tarde, a rua da Olaria foi prolongada em direção norte, depois de construída uma ponte sobre o Ribeirão Mathias, o nosso famoso ribeirão, cujas águas, piscosas e cristalinas, acompanhavam todo o trajeto da rua do Porto, para desaguardem nas águas, cristalinas e piscosas, do nosso tão famoso Cachoeira.

E quando a casa da Direção da Colônia, construída na "Hafenstrasse", começou a se deteriorar, um sólido prédio foi levantado em local privilegiado, no alto da atual rua do Príncipe, na época o mais

imponente edifício de Joinville e que abrigou, durante quase 40 anos, a direção da Colônia Dona Francisca.

Quarenta anos — uma longa seqüência de fatos alegres, tristes, pitorescos, trágicos, muito deles banais, muitos históricos. Ali, naquele sobrado quase majestoso, decisões das mais importantes foram tomadas em incontáveis reuniões, debates, cerimônias. Por ali passaram levas, centenas de levas, de imigrantes vindos do além mar, esperançosos ou desesperados, tímidos ou corajosos. Solenidades das mais diversas ali se realizaram, festividades e comemorações e exposições, com a primeira grande Exposição de Produtos Agrícolas e Industriais de Joinville, de 16 a 23 de agosto de 1874, a qual, segundo o relato pormenorizado do nosso "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) de 22 de agosto daquele ano, teve o seu ruidoso início na madrugada daquele domingo, dia 16, com o trocar de vários tiros de canhão e o som alegre da banda de música da Sociedade de Ginástica, em passeata pelas ruas da Cidade, enquanto em todas as ruas, em todas as casas, homens e mulheres e crianças ocupavam-se, alvoraçados, com a disposição de palmeiras e guirlandas e bandeiras e bandeirolas nas fachadas das residências, enquanto já vinham chegando colonos e mais colonos, a cavalo e de carroça e vinham os visitantes de outras localidades próximas e até mesmo mais distantes...

É interessante lembrar que, segundo o hábito, vendia-se aqui em Joinville, na casa comercial de J. Heinrich Auler, papel de carta que em seu cabeçalho apresentava vistas da Cidade. Uma daquelas folhas, que entre outras apresentava uma vista da "Koloniedirektion" (Direção da Colônia), foi escrita por Ida Doerffel, esposa de Ottokar Doerffel, a sua cunhada Tekla, residente na Alemanha e a certa altura, Ida explica:

"Como o Ottokar esqueceu de utilizar esta folha de papel, aproveito-a e eu chamo tua atenção sobre o prédio, onde se lê, subscrito: Koloniedirektion. O gabinete do lado esquerdo, quando se olha o prédio de frente, é o gabinete de Ottokar e podes imaginá-lo ali dentro, diariamente, das nove horas da manhã até uma da tarde. O vulto que se vê à esquerda, é para ser o Ottokar, o outro mais a direita, o Kroehne. Preciso dizer que se trata de desenho feito a mão e assim ha algumas incorreções..."

Durante vários anos, o prédio também abrigou a Escola Pública, fundada pelo Padre Carlos Boegershausen, primeiro vigário de Joinville. Por isso, deixou saudades mais profundas em determinada geração de joinvillenses, ao ser derrubada, em outubro de 1905, para dar lugar à magestosa construção, ainda hoje existente, e que durante muitos anos serviu de residência à família Luis Niemeyer, filho de

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

um dos diretores da Colônia Dona Francisca, Louis Niemeyer, falecido em 1873.

Um dos alunos do Padre Carlos Boegershausen foi o então proprietário do "Kolonie-Zeitung", Otto Boehm, que, depois de passar pela rua do Príncipe e deparar com o montão de entulho, quando o tradicional prédio estava sendo derrubado, assim se manifestou, no "Kolonie-Zeitung" de 12 de outubro de 1905:

"Desapareceu o antigo, os tempos mudam,
E vida nova surge das ruínas."

Estas palavras do "Tell" sem querer nos vieram à memória, quando recentemente passamos pela rua do Príncipe e deparamos com um montão de entulhos no lugar onde antes existia a velha, a nobre Casa da Direção da Colônia. Veio-nos a lembrança do nosso belo tempo de juventude, a época em que, juntamente com os colegas e contemporâneos, naquele prédio ocupávamos os bancos escolares e nos divertíamos nas horas do recreio ou antes das aulas e após os estudos, no pátio, com aquela alegria sã, própria da juventude. Diante dos nossos olhos surgiu a Joinville de antigamente, mostrando-nos, de maneira tão nítida, a mudança radical do tempo. Pouco mais de duas décadas separam o ontem do hoje, mas quantas modificações foram efetivadas em nossa querida cidadezinha, modificações feitas em seu benefício, pelo seu progresso, dando-lhe um aspecto novo, conforme sempre se constata com prazer. O progresso em toda a parte existe. Muitas coisas ainda existentes do tempo da fundação, tiveram de desaparecer, daquele velho "Schroedersort" (Vilarejo de Schroeder) e da Joinville antiga muito pouco existe.

Onde outrora havia pequenas casas muito simples, hoje em dia já se erguem grandes e vistosos sobrados, com ricas ornamentações. Em consequência deste processo de modernização, também a velha Casa de Direção desapareceu. Todo um longo período da história de Joinville está ligada ao velho prédio; que, durante longo tempo, foi, o assim chamado "sobrado", um dos mais representativos "palácios" de Joinville. Durante longos anos, era ali que o destino da Colônia tinha seu comando. Em 1874 foi naquele prédio que se realizou a primeira Exposição de Joinville e mais tarde abrigou, durante anos a primeira Escola Pública de Joinville, até que em 1882 a escola foi transferida para o seu prédio novo, a Rua da Escola. Por fim, ali foi instalado o escritório da Sociedade Hanseática de Colonização, no primeiro andar, enquanto no térreo funcionava o Consulado Alemão.

Será ali edificado, no lugar do antigo prédio, uma casa moderna, que o nosso amigo, Sr. Luis Niemeyer, irá construir e para qual hoje mesmo será colocada a pedra fundamental."

O prédio, com os seus 80 anos bem vividos, hoje pertence ao Banco do Brasil, que levantou, ao seu lado, o imponente edifício, recentemente inaugurado.

Ah!... Se aquele chão falasse...

Prefeito Dalto dos Reis confirma Conselho Curador

Em Decreto que tomou o número 2.486, de 5 de julho, publicado no Boletim Oficial do Município, nr. 685, o prefeito Dalto dos Reis nomeou o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau". A nomeação recaiu totalmente nos nomes que integram o Conselho há dois anos. Não houve nenhuma alteração, o que significa que todos os srs. Conselheiros nomeados há dois anos pelo Chefe do Executivo, continuam merecendo de S. Excia. toda confiança e apoio. E uma das razões que por certo também justificam o gesto do prefeito Dalto dos Reis em manter o mesmo Conselho Curador, é a de que, com o apoio e incentivo deste Conselho, a direção executiva da Fundação, exercida pelo jornalista José Gonçalves, lançou-se à difícil tarefa de construir o prédio que abrigará, dentro em breve, a Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller" e o Arquivo Histórico Público "Prof. J. F. da Silva", totalmente protegidos contra futuras enchentes.

O empreendimento acha-se bastante adiantado, já na fase da cobertura, o que mais convenceu o chefe do Executivo de que a direção da instituição, sob a supervisão do Conselho Curador, está em boas mãos.

Nestas condições ainda na gestão do atual Conselho ora reconduzido e do Prefeito Dalto dos Reis, será inaugurado o prédio em construção, quando entregar-se-á ao público usuário os valiosos acervos que em muito têm favorecido as últimas gerações de blumenauenses e que haverão de enriquecer sobremaneira a cultura das futuras gerações.

Convém lembrar que esta importante obra que o atual Conselho Curador supervisiona e que a direção da Fundação tem a seu encargo, conta com a grande participação comunitária, representada pela indústria, pelo seu comércio e até de particulares, sem o que não teria sido possível nem sequer iniciá-lo, uma vez que o poder público não teria condições de arcar com todo este encargo.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

"DIE VOLKSZEITUNG"

O Jornal do Povo

ANO I

Quarta-feira, 31 de dezembro de 1930

Nº. 71

Desejos expressos pelo "Jornal do Povo" para o novo ano
Zum Neuem Jahr wünschen wir — Para o Ano Novo desejamos.

Brasil — Paz e desenvolvimento.

Ao povo brasileiro — Coragem e confiança para com o lema
"Ordem e Progresso".

Ao governo — Energia Férrea.

Aos radicais — Resignação.

A nossa cidade — Um batalhão, um ginásio e uma cadeia pública nova.

Ao prefeito — A arte de pagar as dívidas com um cofre vazio.

A Gaspar — O fim da polêmica sobre as terras da igreja.

Ao Testa — Mais areia na estrada.

A Itoupava — Um bonde elétrico.

A Garcia — Um bondinho até o Spitzkopf.

A Massaranduba — Uma ponte.

A Indaial — O fim da peste bovina.

A Timbó — Um intendente que satisfaça a todos.

Ao Ceder — Uma estrada que leve a Rio Preto.

A Hammonia — Uma ponte para a futura estação de trem.

A Nova Breslau — O distrito.

A Rio do Sul — Uma nova ponte.

A Trombudo — Também um distrito.

A Taió — Comunicação aérea com Blumenau.

Ao "Jornal do Povo" — Sempre mais assinantes.

Aos leitores — Um Feliz Ano Novo.

B L U M E N A U

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

A condição de êxito do negócio era a introdução do maior número possível de colonos no empreendimento. Quanto maior fosse o número de habitantes do núcleo colonial, maior seria o subsídio recebido, mais rápido seria o seu desenvolvimento econômico (e conseqüente valorização das terras) e mais depressa se ultrapassaria o perigoso estágio inicial da colonização. Daí a feroz concorrência pelo imigrante, que se desenvolve entre os agentes recrutadores das diversas companhias de colonização. Ela se fará notar em Santa Catarina, quando a colônia de D. Francisca "rouba" imigrantes destinados a Blumenau.

Também a administração da colônia não era tarefa fácil. O

importante era ligá-la, o mais cedo possível à economia de mercado, pois enquanto permanecesse em economia natural o seu desenvolvimento seria diminuto e as terras não se valorizariam. Daí a ênfase dada às vias de comunicação. De um modo geral, pode-se dizer que o negócio colonial era dos mais complexos, embora, quando coroado de êxito, proporcionasse abundantes lucros aos que nele tivessem investido.

Dos 6 milhões que emigraram do começo do século passado até o início deste, a grande maioria foi para os Estados Unidos. Apenas pouco mais de 200.000 vieram para o Brasil. Os dados sobre a imigração para o Brasil são bastante precários. Em 1943, Arthur Hehl Neiva elaborou um quadro para o Primeiro Congresso Brasileiro de Economia, no qual se resumem os dados sobre o número de imigrantes, ano por ano, e por nacionalidade, que teriam aportado no Brasil depois de 1819. Em 1950, J. F. Carneiro (5) divulgou o mesmo quadro acrescido de diversas correções. Observam os autores a este respeito: "Pelas alterações feitas verifica-se que o quadro em causa, o qual vem sendo sucessivamente utilizado desde então, peca evidentemente por falta. Em nenhum caso encontraram as pesquisas de Carneiro qualquer erro por excesso (grifo no original — PS)".

Adotamos o quadro de Hehl e Carneiro para base de nossa análise, e o transpusemos para o Gráfico nº. 1. Um exame superficial do gráfico permite perceber imediatamente a extrema irregularidade do fluxo imigratório alemão para o Brasil: anos com poucas centenas de imigrantes alternam-se com anos em que várias milhares de alemães vieram ao Brasil. Entre 1820 e 1850 a imigração alemã parece ter sido apenas esporádica, embora isto possa ser atribuído ao fato de que este tenha sido o período em que os dados disponíveis apresentam maiores falhas. Seja como for, é preciso considerar que provavelmente o tráfico negreiro, para o Brasil particularmente intenso na década dos quarenta do século passado, tenha tornado o nosso país pouco atraente para imigrantes, cuja perspectiva seria concorrer, como trabalhadores livres, com o braço escravo, na disputa de oportunidades no mercado de trabalho.

A partir de 1850 cessa o tráfico de escravos e o fluxo de imigrantes alemães aumenta. Entre 1856 e 1862 ele oscila entre 2.000 a 4.000 pessoas por ano (*). Entre 1863 e 1866 se verifica uma queda acentuada, que pode ser atribuída pelo menos parcialmente à precariedade dos dados. Nestes anos o fluxo, de acordo com nossa fonte, se reduziu a 3 ou 4 centenas de imigrantes por ano, ao passo que o número de imigrantes, só para Blumenau, parece ter alcançado quase 2 centenas por ano, neste mesmo período. Ao lado da possível subesti-

(*) Caio Prado Jr. (História Econômica do Brasil, S. Paulo, 1953, Editora Brasiliense, pg. 191) menciona o fato de que a imigração para o Brasil chegou a ser proibida na Alemanha em 1859, face ao tratamento recebido pelos imigrantes. A proibição não parece ter afetado o fluxo imigratório, pelo menos nos anos imediatamente posteriores ao da adoção da medida.

mação, é preciso ressaltar outros fatos, que devem ter influído negativamente sobre a imigração alemã para o Brasil. O mais importante deles é a campanha que um antigo cônsul geral do Brasil, Sturtz, tendo passado ao serviço de companhias colonizadoras do Chile, enceta, a partir de 1864, contra a imigração ao Brasil. Já nos referimos à concorrência entre os recrutadores a serviço de companhias rivais. Sturtz fora um destes agentes recrutadores de imigrantes para o Brasil. Mudando de patrão, passou a esforçar-se para desviar o fluxo imigratório para o Chile, divulgando pela imprensa alemã descrições das mais assustadoras sobre as condições de vida vigorantes no Brasil. Parece ter obtido certo êxito, pois em 1865 o governo imperial confere ao Dr. Blumenau poderes especiais para fazer propaganda na Alemanha a favor da imigração para o Brasil. Outras circunstâncias negativas foram a guerra entre a Prússia e a Dinamarca, em 1864, e a guerra do Paraguai, que vai durar de 1865 a 1870.

A partir de 1867 o fluxo de imigrantes alemães se recupera, mas em 1869 volta a cair, pelo menos de acordo com os dados, que registram 375 imigrantes para aquele ano. Já Blumenau, de acordo com o seu registro, deve ter recebido 977 imigrantes naquele mesmo ano, o que faz supor ser a primeira cifra inteiramente falha. A queda em 1870 e 1871 pode ser atribuída à guerra franco-prussiana.

Entre 1872 e 1887 o número de imigrantes alemães se mantém consistentemente acima de 1.000/ano, oscilando quase sempre entre 1.500 e 3.500. Em 1887 e 1888 verifica-se certa queda relativa, que pode também ser atribuída à falha dos dados, pois para 1887, uma das fontes (Tavares de Lyra) registra um total (todas as nacionalidades) de 55.965 imigrantes, ao passo que outra (Ruy Barbosa) registra nada menos do que 130.056. Em 1889 o fluxo volta ao seu nível normal e em 1890 e 91 todos os "records" são quebrados com cerca de 5.000 imigrantes por ano. É preciso lembrar que estes anos coincidem com a abolição da escravatura e a expansão econômica do "encilhamento", o que torna o Brasil mais atraente para os imigrantes. Nova queda se verifica entre 1893 e 1903, o que pode ser explicada, em parte pela crise em que entra nossa economia depois do "encilhamento".

A partir deste período a dinâmica do fluxo imigratório alemão para o Brasil deve encontrar sua explicação nos ciclos de conjuntura de 3 países: Alemanha, Brasil e outros países de imigração, principalmente os Estados Unidos. Nos períodos de conjuntura alta (expansão) na Alemanha a imigração deste país deve ter-se reduzido, aumentando nos períodos de baixa (crise e depressão). Como os ciclos de conjuntura não coincidiram inteiramente entre a Alemanha, os Estados Unidos e o Brasil, os imigrantes se dirigem em maior número, ora ao Brasil, ora aos Estados Unidos (cu outros países de imigração) conforme a fase do ciclo que a economia de um ou outro país estiver se atravessando. É preciso notar, no entanto, que em volume absoluto, a imigração para os Estados Unidos, era quase sempre, muito superior à que se encaminhava ao Brasil. É deste modo que se explica a queda entre 1893 e 1903, a lenta recuperação entre 1903 e 1907 e o vigoroso aumento que sofre o fluxo imigratório alemão para o Brasil.

entre 1908 e 1914, atingindo a cifra máxima em 1913, com 8.004 imigrantes. A guerra de 1914/18 interrompeu o fluxo, que retoma, a partir de 1920 o seu ímpeto de antes da guerra, atingindo 7.915 imigrantes em 1921, 8.256 em 1923 e 22.170 em 1924. Este é o "record" absoluto, que nunca será mais alcançado. Este crescimento extraordinário da imigração alemã para o Brasil, nos anos 20 deste século, se deve, em boa parte, a medidas restritivas à imigração, adotada nos Estados Unidos a partir de 1921, e intensificadas a partir de 1924, forçando numerosos imigrantes, que teriam preferido se fixar nos Estados Unidos, a procurar outros países, entre os quais o Brasil foi alvo de boa parte das preferências.

A imigração alemã mantém-se próxima do nível de 7.000 entre 1925 e 26, caindo para 4.000 a 5.000 de 1927 a 1930. Nos anos trinta a imigração foi mais irregular, variando entre 1.000 e 5.000 pessoas anualmente. É preciso lembrar que, se a Alemanha foi duramente atingida pela crise de 1929, que se prolonga, sob a forma de depressão, até o fim da década, o Brasil também não escapou dos seus efeitos. Além disso, a partir de 1931 o Brasil, segundo o exemplo dos E. U. A., também adota política restritiva, estabelecendo quotas máximas de imigração para as diversas nacionalidades, o que deve explicar o declínio do movimento migratório nesta década. Entre 1941 e 1945 a imigração alemã no Brasil cessa, devido à II Guerra Mundial, reencetando-se a partir de 1946 em bases muito modestas.

Se compararmos, os dados da imigração alemã para o Brasil com a que se encaminhou para Blumenau, verificamos que esta última desempenhou papel importante no desenvolvimento da primeira, principalmente nas décadas dos 60 e 70 do século passado. A imigração alemã para Blumenau teria representado 26,5% do total brasileiro nos anos sessenta e 16% nos anos setenta, embora seja provável que estas sejam algo superestimadas, pois os dados referentes à imigração para Blumenau são muito menos sujeitos a falhas que os referentes à imigração alemã total para o Brasil. Na década dos 80 a imigração alemã para Blumenau representa apenas 6,6% na nacional mas no decênio seguinte ela volta a 14,1%, mantendo-se entre 1900 e 1912 no nível de 13,2%. Pode-se dizer pois, que em todo período anterior à I Guerra Mundial, exceto na década dos 80, representou Blumenau um dos focos mais significativos de atração de imigrantes alemães para o Brasil.

Depois da I Guerra, a importância de Blumenau, neste contexto, decaiu. Entre 1913 e 1922 os alemães que se fixam em Blumenau representam 6% do total de imigrantes desta nacionalidade, porcentagem que cai para 5% na década de 1923 a 1932.

III — A aventura colonial do Dr. Blumenau

Hermann Bruno Otto Blumenau nasceu em 1819, em Hasselfeld, filho do engenheiro-mor das florestas ducais, mais tarde conselheiro florestal, encarregado também das minas e da carvoaria. Era homem

de posses, e em seu devido tempo Hermann seria aquinhoado com rica herança.

O jovem Blumenau dedicou-se inicialmente ao aprendizado do ofício de farmacêutico. Em 1842, em sociedade com outro jovem, fundou uma fábrica de produtos químicos em Erfurt. Tentaram explorar uma patente, mas a empresa não teve êxito. Em 1843, Blumenau viajou para Londres, onde conheceu Johann Jakob Sturtz, ao qual já nos referimos no tópico anterior. Sturtz ocupava então o cargo de Cônsul Geral do Império do Brasil na Prússia e um dos seus mais importantes encargos era atrair imigrantes ao Brasil. É provável que o interesse de Blumenau pelo Brasil tenha nascido deste encontro. De volta a Erfurt, Blumenau desligou-se da fábrica e se matriculou no Curso de Química da Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen (1844), onde se doutorou em 1846. No mesmo ano publicou-se um escrito de Blumenau sobre **Emigração e Colonização Alemã**, no qual o autor revela bons conhecimentos acerca do assunto. Blumenau era sobretudo um intelectual: antes de se empenhar praticamente na colonização, teorizou sobre o tema.

No mesmo ano de 1846, Blumenau embarcou para o Brasil, como representante da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil", uma companhia de colonização com sede em Hamburgo. Esperava, de acordo com promessas de Sturtz, tornar-se regente das cadeiras de Mineralogia e Química numa escola politécnica no Rio, mas ao chegar aqui verificou que a escola sequer estava instalada.

Blumenau permaneceu no Rio alguns meses, submeteu planos de colonização ao governo imperial, visitou colônias alemãs no Rio Grande do Sul e Desterro (Florianópolis) capital da Província de Santa Catarina. Em fins de 1847 associou-se a um outro alemão, Ferdinand Hackradt, a quem conhecera no Rio, e resolveu explorar pessoalmente a região do Vale do Itajaí, para verificar a possibilidade de ali localizar o projeto de colonização que tinha em mira. Anos antes já se tinha estabelecido, em Santa Catarina, uma colônia alemã em São Pedro de Alcântara, da qual saíram alguns colonos que acabaram instalando-se às margens do Itajaí-Açu. Blumenau tinha estado antes em São Pedro de Alcântara, e seu interesse pelo vale do Itajaí era compreensível.

Os dois sócios exploraram o Vale e resolveram tentar ali a sua experiência colonial. Em 1848, submeteu Blumenau, em nome da Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil, um projeto de colonização do Vale do Itajaí à Assembléa Provincial de Santa Catarina, a qual aprovou o projeto. No entanto, o Presidente da Província recusou-se a sancioná-lo, devolvendo-o à Assembléa. Esta acabou por ratificar a recusa delegando poderes, entretanto, ao Presidente para celebrar um acordo com a companhia representada por Blumenau ou qualquer outra, sem nenhum ônus financeiro, atual ou futuro, para o erário da província. Em outras palavras, a companhia de colonização com a qual se fizesse algum acordo poderia receber concessões de terra, mas não subsídios.

Neste meio tempo dissolveu-se, em Hamburgo, a "Sociedade de

Proteção aos Imigrantes". Blumenau e Hackradt resolveram, em face de tudo isto, constituir uma firma particular e tentar executar o seu plano por conta própria. A firma começou por adquirir terras a margem do Itajaí, num total, em 1850, de 155.000 jeiras. Hackradt ficou em Santa Catarina para iniciar os trabalhos: desbravamento da mata, construção de uma serraria, instalação de alojamentos destinados a abrigar a primeira leva de colonos, a ser trazida da Alemanha por Blumenau. Este, antes de partir para a Europa, ainda tenta, no Rio, interessar o governo imperial no empreendimento, procurando obter auxílio na forma de um empréstimo de 50 contos por 10 anos, sem juros, e concessão de terras. Também esta tentativa não obtém, da parte do governo, mais que promessas vagas de auxílio futuro (que, em parte, acabarão por se concretizar). É bom lembrar, nesta altura, que o governo, brasileiro deveria estar sendo assediado por numerosos interessados no florescente negócio colonial, e a sua atitude deveria depender muito do apadrinhamento político de cada interessado. O de Blumenau não parece ter sido muito forte e ele resolve apresentar um fato consumado, iniciando o empreendimento às próprias custas (e de seu sócio, Hackradt).

Blumenau chega à Alemanha em 1849, num momento em que a revolução do ano anterior já tinha entrado completamente em declínio e em que, portanto, o movimento imigratório estava em seu auge. O negócio colonial florescia e numerosas companhias disputavam as preferências dos imigrantes. Blumenau, um particular dotado de recursos limitados, achava-se em situação desvantajosa, face a competidores financeiramente mais poderosos. Não é de se espantar, portanto, que o resultado da viagem de Blumenau se resumiria em apenas 17 imigrantes. Daí em diante a dificuldade em conseguir colonos será um dos mais graves obstáculos ao empreendimento colonial do Dr. Blumenau.

De volta ao Brasil, Blumenau encontrou a parte a cargo do seu sócio Hackradt muito mal executada. A serraria estava prestes a ruir, as plantações eram insignificantes, ervas daninhas tinham invadido os pastos. Além disso Hackradt resolvera retirar-se da firma e pediu a retificação do seu capital e remuneração pelos seus trabalhos. A partir de fins de 1850, Blumenau tornou-se o único proprietário da empresa.

A 2 de setembro de 1850, data considerada da fundação de Blumenau, chegam à colônia os primeiros 17 imigrantes. Os trabalhos iniciais consistiam, naturalmente, em construir alojamentos e as bases de uma economia de subsistência. Em 1851 Blumenau foi ao Rio e conseguiu um empréstimo de 10 contos do governo imperial.

(Continua no próximo número)

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA